

Quem joga são os jogadores

Escrito por Henrique Santos
Quinta, 01 Março 2012 14:24



A primeira vez que ouvi afirmar que “quem joga são os jogadores” foi numa acção de formação ou curso de treinadores, na boca do professor Jorge Araújo,

nos anos oitenta do século XX. Nos seus muitos livros, por várias vezes o vi voltar a repetir esta frase.

De facto, nós treinadores, temos a tendência a exacerbar o nosso papel. E esquecemo-nos que quem joga não somos nós. Já nos anos 40 e 50, em França, havia quem alertasse e denunciasse que o jogo estava a ficar demasiadamente mecanizado. Os treinadores portavam-se como jogadores de xadrez que dispunham de peças – os jogadores – que apenas eram executantes de jogadas pensadas pelo treinador. O jogo e os jogadores tornavam-se assim meros elementos de um mecanismo dirigido de fora. Por sua vez, o próprio treinador era também muitas vezes um mero copista das jogadas que importava dos livros americanos, aplicando-as às suas equipas sem as contextualizar ao seu nível de jogo. Não é de admirar que a dada altura nem os jogadores nem os espectadores gozassem com o jogo resultante desta concepção.

Embora minoritários, um grupo de treinadores lá ia fazendo a denúncia desse estado do basquetebol francês e propunha outra forma de conceber o jogo e a formação dos jogadores. Por exemplo, em vez de verem no jogo a aplicação do aprendido nos treinos inverteram o pensamento. Era o jogo que tinha o primado. Era em função da relação de oposição entre os dois colectivos inerente ao jogo que se poderia tirar lições sobre o que se deveria trabalhar nos treinos. Evidentemente que havia um processo cíclico, constituído por jogos- treinos-jogos. E essa forma de conceber a relação entre a realidade da competição e os processos de treino mudava também a própria concepção do que é um jogador e a sua respectiva formação. O jogador passava a ser alguém capaz de iniciativas inteligentes e os treinadores, mais do que respeitarem essa iniciativa, davam-lhe condições para que ela surgisse e se desenvolvesse. E o facto de estar atento às inovações dos jogadores era fundamental para que se pudesse estar em fase com eles.

Quem joga são os jogadores

Escrito por Henrique Santos
Quinta, 01 Março 2012 14:24

Damos um exemplo da iniciação: o treinador ao verificar que um dado jogador inovava no jogo utilizando um recurso técnico novo – por exemplo, a mudança de mão pela frente - ficava a saber que era realisticamente possível exigi-lo aos restantes jogadores da sua equipa. Em vez de simplesmente introduzir as aprendizagens segundo apenas uma lógica do treinador ou do jogo, do simples para o complexo, utilizava uma lógica do desenvolvimento do jogador, verificada em situação de jogo.

Robert Mérand, num texto de 1952, dava conta da importância que atribuía à atenção que o treinador deveria ter relativamente às inovações dos jogadores, tal como a situação seguinte demonstra:

" *É preciso que o treinador aprenda a mostrar-se atento às iniciativas dos jogadores*
Robert Mérand, Servir le basket, n.º2 (1952)

Quando falamos dos factores da evolução do jogo ao longo da sua história, referimo-nos muito às mudanças das regras promovidas pelos legisladores das federações internacionais, às iniciativas promocionais dos dirigentes, às inovações dos materiais do jogo que permitem outra qualidade de prática, às novidades metodológicas ou táticas em que os treinadores e os cientistas da pedagogia do desporto têm o papel principal, ou mesmo ainda a mudanças influenciadas por aspectos externos ao jogo, como a publicidade no desporto e o negócio em que se tem tornado o espectáculo desportivo. Talvez nos estejamos a esquecer que na evolução do jogo, quem verdadeiramente está na sua base são os jogadores, pelas pequenas e grandes novidades técnicas e táticas que gradualmente fazem aparecer, num fenómeno de construção colectiva que vai emergindo quase sem nos apercebermos mas que deixa uma marca indelével no jogo. De facto quem joga são os jogadores. Os treinadores podem ajudar o jogador a desenvolver-se e a melhorar, mas tudo passa pela personalidade dos jogadores, pela sua vontade, aplicação, e acção respectiva. Será que a generalidade dos treinadores de basquetebol, no início deste século XXI, já interiorizaram de facto este ensinamento tão importante que alguns descobriram faz tanto tempo?